

Recomendamos vivamente a obra do nosso mestre Émile Coornaert que é essencial para quem queira estudar o desabrochar do capitalismo moderno.

E. SIMÕES DE PAULA.

*

GILLE (Bertrand). — **Le Conseil Général des Manufactures.** Paris. S. E. V. P. E. N. École Pratique des Hautes Études. Centre de Recherches Historiques. Collection "Affaires et Gens d'Affaires".

A representação dos interesses econômicos pelos conselhos governamentais é coisa bem antiga. Henrique IV já tinha pensado nisso. Durante todo o XVIII século o Conselho do Comércio desempenhou essa função dentro do quadro do Conselho do Rei. Napoleão, desde 1802, retomou a idéia e criou o Conselho Geral do Comércio, para onde as Câmaras de Comércio, igualmente renascentes, enviavam seus delegados. Tendo o Bloqueio Continental provocado certa hostilidade da parte desse Conselho, o Imperador quis contrabalançar a sua influência organizando o Conselho Geral das Manufaturas, composto principalmente de grandes industriais. A Restauração, temendo o liberalismo do mundo de negócios, terminou a triologia criando o Conselho Geral da Agricultura. O sistema censitário favorecia a representação dos interesses econômicos na Câmara e tornava menos ativos esses três Conselhos. O abaixamento do censo, uma política aduaneira mais liberal lhes deu uma certa importância. Mas, por temor de oposição, a Monarquia de Julho espaçou as sessões dos três Conselhos agora reunidos num só. Eles sobreviveram, entretanto, sob formas diversas, até o atual Conselho Econômico, do qual são eles os ancestrais diretos.

Formado unicamente de representantes da grande indústria, o Conselho das Manufaturas teve sessões regulares de 1810 a 1829, numa época em que a grande empresa capitalista fazia sua aparição. O inventário analítico das atas dessas sessões facilitará o estudo dum instituição interessante, mas bastante esquecida. A simples leitura dessas análises fornece múltiplas indicações sobre os problemas levantados pela grande indústria nascente: organização industrial, questão obreira, problemas técnicos, aspectos financeiros, expansão exterior. Verificamos o aparecimento aí dum proteccionismo feroz, que se julgava indispensável no início do crescimento industrial. Essencial em todos os arquivos, esta obra é um indispensável instrumento de trabalho que interessará os economistas, os historiadores, os sociólogos e todos aqueles que se ocupam da ciência política.

E. S. P.

*

TURIN (Yvonne). — **Miguel de Unamuno, universitaire.** Paris. S. E. V. P. E. N. Collection Bibliothèque Générale de l'École Pratique des Hautes Études. VI^e Section. 1962. VII + 145 pp.

Que contribuição pode o historiador oferecer ao estudo da vida e da obra de Miguel de Unamuno? Esse espanhol não foi principalmente um filósofo, um escritor ou simplesmente um jornalista? Foi tudo isso e mais do que isso um universitário, um homem profundamente preocupado com sua profissão e com o desempenho perfeito do seu trabalho. A época em que viveu obrigou-o a refletir com ansiedade sobre o que poderia ser a sua responsabilidade e a dos seus colegas para com o progresso, a estagnação ou os defeitos em que vivia mergulhada a sua pátria. À essa reflexão Unamuno teve a coragem de unir a ação.

Este é o fim deste trabalho: encontrar Unamuno, não às voltas com a sua inteligência, mas com a vida real e longamente quotidiana.

Depois da sua vida estudantil, através das primeiras experiências professorais, e de reitor em seguida, o mestre de Salamanca seguiu com a sua busca sobre o valor e o sentido da sua profissão. Apesar da sua destituição, apesar do seu exílio, quaisquer que fossem as tristezas que lhe inspiraram a vida política espanhola na sua volta, ficou ele persuadido que um professor que dispõe, para se fazer compreender, não só duma cátedra, mas também das tribunas que são a imprensa, a literatura, as salas de conferências, para educar a sua pátria, deverá fazê-lo por todos os meios possíveis. Por isso foi obrigado a abandonar, na Espanha sobretudo, uma erudição estéril, luxo de países ricos. Na Península, essa mensagem será tanto mais eficaz quanto o professor possa se "hispanizar" o mais possível, a fim de poder, sem risco, mergulhar na vida europeia. Como fazer, entretanto, aquêle que deveria, a fim de preparar o futuro, ensinar outra coisa além daquilo que conheceu, não ficar dependente do seu passado e não deixar assim, desarmada em face do futuro, a juventude de que foi encarregado de educar?

Em 1936 Unamuno lançou um último apêlo a essa juventude a fim de que ela salvasse o seu país da tragédia que tinha sido preparada pelos ancestrais. Sem dúvida, ele desejou e acreditou que a sua palavra fôsse ouvida...

E. S. P.

*

MILLER (William). — **Nova História dos Estados Unidos**. Trad. de Thomaz Newlands Neto. Editora Itatiaia Ltda. Belo Horizonte. 1962 — 1a. edição de 401 pp.

O livro que ora resenhamos apresenta-se dividido em 14 capítulos, além de uma introdução e de uma bibliografia. A introdução é Frank Friedel, na qual ele procura nos familiarizar com a obra, justificando o nome do livro: Nova História do E.U.A. Julgamos que esta introdução deveria ter o título de prefácio, pois se presta principalmente a apresentação do autor e obra e não de uma introdução ao trabalho propriamente dito. Salvo má interpretação de nossa parte, acreditamos que este lapso possa ser corrigido em futuras edições.